

EDITORIAL

Um olhar antropológico para o fenômeno turístico

Em 1983, Nelson Graburn já perguntava se “Existe uma Antropologia do Turismo?”. Em 2019, uma contundente afirmativa de que a “Antropologia do turismo não existe” inicia o capítulo do livro *Turismo e Antropologia: um tango de alteridade* de Saskia Cousin e Thomas Apchain (2019) e, de certa forma, contempla a trajetória dos estudos antropológicos sobre o Turismo, cujas reflexões fornecem elementos para tal afirmativa.

Embora o início de um campo de estudos sobre turismo na sociologia tenha sido situado na década de 1960, com muitos trabalhos críticos a respeito da atividade (STEIL, 2002), diversos autores como Graburn (1983); Nash (1996); Banducci Jr (2001); Steil (2002); Barreto (2003), apontam que um dos primeiros estudos antropológicos no campo do turismo deve-se a Therón Nunes. O autor estudou os impactos desta atividade no México, privilegiando a observação sobre o que denominou “processo de aculturação” ou “pseudocultura” ocorridos em determinada localidade, devido ao aumento da demanda turística. Nos anos 1960 e 1970, prevalecia a visão quase “ingênua” de que o turismo era uma atividade essencialmente econômica e destinada a “salvar” as economias do “Terceiro Mundo”, e foi justamente como crítica a esta concepção que surgiram os primeiros estudos sobre o turismo no campo das Ciências Sociais, que antes não gozava de prestígio acadêmico por ser percebido como uma prática burguesa e elitista.

O turismo tornou-se objeto de estudos nas Ciências Sociais quando passou a ser visto como fato social. Neste momento, tanto a Sociologia quanto a Antropologia se apropriaram do tema em questão. Steil (2002) diferencia as perspectivas sociológica e antropológica na percepção de que, enquanto a sociologia lança um olhar mais panorâmico sobre o fenômeno, pensando em seu papel na organização e no processo social, a antropologia procura adentrar as dinâmicas culturais internas e as relações interculturais que se dão a partir do turismo. Nesse sentido, muitos dos estudos sociológicos sobre o campo privilegiam a observação a partir dos locais de emissão de turistas e também suas motivações. Os estudos antropológicos dão atenção principal às comunidades receptoras de turistas e, desta forma, analisam a atividade como um fato

social total, no sentido de Mauss (2003), pois entendem que este é um tipo de acontecimento que tem repercussão nos diferentes níveis das sociedades.

O caminho percorrido para se estabelecer o Turismo no âmbito de estudos da Antropologia foi sedimentado com a publicação da obra *Hosts and Guests: the anthropology of tourism*, em 1977. Composta por ensaios teóricos e estudos de caso sobre os impactos do turismo em comunidades, o maior destaque da obra reside no enfoque das consequências negativas da atividade e na colocação de que o turismo é fator desagregador das bases sociais e desintegrador da cultura local.

O livro de Valene Smith inaugura, portanto, o que foi convenionado como Antropologia do Turismo. Refletindo sobre a trajetória destes estudos, Pereiro e Fernandes (2018) utilizam a denominação Antropologia do Turismo ao demonstrar que a perspectiva teórica dominante no início foram as que privilegiam discussões sobre aculturação, modernização e colonialismo. Resultando em debates em que as questões recaíam na análise das identidades culturais de turistas e nativos, nas estruturas de funcionamento da atividade turística e na produção e efeito da atividade turística em comunidades locais. Para os autores, esse momento da Antropologia do Turismo é percebido como uma ameaça justamente por serem as comunidades interpretadas como passivas diante de agentes externos. Os autores concluem que essa primeira fase da denominada Antropologia do Turismo foi marcada pela denúncia do turismo enquanto atividade destruidora de culturas e comunidades locais.

Ainda de acordo com os autores, a década de 1990 foi marcada pelas perspectivas do interpretativismo e da reflexividade, pois o foco na oposição entre nativos e turistas foi deslocado para percepção de tais relações constituídas através de processos de negociações e intermediações. Valendo-se das obras como a *Erve Chambers* (1997) e da publicação de dois volumes sobre o tema na Revista Cultural *Survival Quarterly*, Pereiro e Fernandes (2018) destacam que os antropólogos passaram a analisar as comunidades receptoras como uma construção cultural onde o turismo tem agência. Nesta perspectiva, as comunidades não são vistas como homogêneas e sim composta por diversidade cultural, assim como os turistas, resultando desse processo de interação diferentes efeitos. Para Steil (2004), a partir dos anos 1990, outra narrativa concebe o presente como uma reformulação da tradição, o passado não se apresenta de modo tão idealizado e o futuro depende principalmente de como nativos e os turistas lidam com esse encontro cultural.

Pereiro e Fernandes (2018) concluem que, a despeito da vasta produção de estudos antropológicos sobre Turismo, não há entre os antropólogos um consenso no que tange a existência de um campo ou subcampo denominado Antropologia do Turismo. Alguns autores denominam “estudos antropológicos sobre turismo”; outros nomeiam como “intervenções antropológicas no turismo” e um terceiro grupo intitula como “estudos turísticos”. A conclusão de Pereiro e Fernandes leva-nos ao ponto inicial desta apresentação, ou seja, à afirmativa de Cousin e Apchain (2019) que defende a não existência de uma Antropologia do Turismo, favorecendo a ideia de que esse campo é mais bem representado pela denominação de estudos antropológicos relativos ao turismo.

Independente desta polêmica, o que nos parece relevante é observar que “a complexidade da vida social, com suas possibilidades, suas tensões e seus conflitos vão aparecer em qualquer recorte empírico que fizermos do fenômeno turístico”, (PINTO & PINTO-COELHO, 2018, p. 494). Nesse sentido, o turismo como uma importante dimensão da vida social, atravessa e é atravessado por outras dimensões da vida, colocando maior importância em nos voltarmos para o trabalho empírico, para a observação do que ocorre nos “contextos em que a mobilidade de turistas produz mudanças reais na dinâmica social e na vida local” (PINTO & PINTO-COELHO, 2018, p. 494).

A proposição do presente Dossiê, parte do entendimento de que a Antropologia é útil para pensar, aprender, ensinar e pesquisar o Turismo. Estudos resultantes da interface Antropologia e Turismo destacam-se por seus usos sociais aplicados em diversas instâncias da vida social, contribuem para o desenvolvimento ético e responsável da atividade turística, assim como para redução dos efeitos negativos, ao mesmo tempo que potencializam os positivos (PEREIRO & FERNANDES, 2018). Confiantes no valor intelectual da Antropologia para o estudo do Turismo, o Dossiê que ora apresentamos filia-se ao que Sampaio, Vidal e Lourenço (2021) denominam como estudos turísticos, “[...] Continua a ser pertinente a oposição elaborada por Tribe (1997) entre *the business of tourism* e *the non-business aspects of tourism*, dois campos de investigação claramente distintos nas suas agendas e fóruns de discussão” (p. 120 – grifos dos autores). Para os autores (2021), nas várias disciplinas das ciências sociais e humanas que não privilegiam os aspectos econômicos do Turismo, está se estabelecendo um consenso em torno do entendimento que este deve ser analisado não por seu objetivo em si e sim como instância de observação de processos sociais e culturais passíveis de explicação da sociedade.

Os estudos turísticos assentam-se em base interdisciplinar sustentadas pela Antropologia, Sociologia, Geografia, História, Economia, Estudos Culturais, Estudos Urbanos, entre outras que, de acordo com Sampaio (2013), emergem em processo que denomina “viragem cultural” (p. 121), que se afirmou contra os excessos de tendências centradas na economia ou mesmo economicistas que ignoravam o fenômeno em sua amplitude.

Os artigos que compõem o Dossiê Turismo em Perspectiva Antropológica constituem um bom exemplo da concepção aqui sinalizada, pois oriundos de autores cujas trajetórias acadêmicas particularizam-se pela interdisciplinaridade, foi a Antropologia que facultou às suas análises um instrumental teórico cujos resultados contribuem para a compreensão da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que favorecem o desenvolvimento ético e responsável da atividade turística. Alocados em seis blocos, os artigos reúnem discussões sobre gênero, representações sociais, populações tradicionais, ruralidade, identidades e debate antropológico.

O Dossiê é iniciado com a sessão intitulada “Perspectivas e abordagens” onde os autores Fernando Paulo Oliveira Magalhães e Maria da Graça Mouga Poças Santos discutem as relações resultantes da atividade turística como fio condutor dos desdobramentos culturais que entrelaçam tais processos. O artigo “Perspectivas e abordagens geográfico-antropológicas do turismo: entre a teoria e a prática no caso português”, de sua autoria, traz uma interação entre visões geográficas e antropológicas.

Ainda nessa sessão, o artigo de Roque Pinto, denominado “Antropologia e turismo: abordagens e perspectivas” apresenta uma sistematização de algumas das principais abordagens ao turismo na perspectiva da antropologia, indicando desdobramentos teóricos dos estudos antropológicos e as temáticas de pesquisa mais recorrentes na antropologia do turismo, como as relações sociais no destino turístico, os efeitos da atividade nas comunidades receptoras, a formação da imagem turística, a questão da autenticidade e a dimensão ritual do turismo.

A sessão denominada Gênero é composta por três artigos, sendo eles: “Mulheres viajantes: pensando a formação de redes online de mulheres para viagens”, de Camila Moraes e Beatriz Rosa do Nascimento Silva, que se debruçam sobre grupos de viagens criados no Facebook para trocas de informações acerca de viagens e, em tal empreendimento, adotam a perspectiva de estudos de gênero para analisar a mulher turista no seu momento de lazer. Thaís Costa da Silva contribuiu com o artigo “Surfando nos sofás das minas: Rede de apoio entre mulheres em viagens colaborativas na Europa mediadas pelo Facebook” analisando as redes de viagens colaborativas compostas por brasileiras no continente europeu. Em um estudo etnográfico sobre o grupo *Couchsurfing* das minas na Europa, a autora demonstra como as práticas turísticas facultam a formação de redes de apoio transnacionais, a partir de interações na internet baseadas na identidade de gênero. A sessão é encerrada com o artigo “Turismo Sexual: Aspectos simbólicos sobre o processo de territorialização do agenciamento dos corpos na Vila das Garotas”, em que os autores Juliana Maria Vaz Pimentel e Leonardo Giovane Moreira-Gonçalves demonstram quais são as condicionantes que engendram a instituição dos territórios do comércio sexual no município de Rosana (São Paulo) e como ocorre o agenciamento dos corpos envolvidos nessa atividade a partir das narrativas de moradores, garotas de programa, proprietárias das casas de entretenimento noturno e turistas.

Os artigos “Juventude rural, agricultura familiar e turismo: um estudo etnográfico” e “Quando aqui era lavoura: diversificação produtiva e turismo rural” compõem a sessão “Ruralidade”. O primeiro artigo, de autoria de Vivianne Matos de Andrade Mororó, Helena Catão Henriques Ferreira e Ari da Silva Fonseca Filho destaca o protagonismo dos jovens moradores da localidade de Três Picos, em Nova Friburgo/RJ, que se apropriam da atividade turística buscando uma alternativa de trabalho complementar à agricultura e, ao discorrerem sobre tal processo, os autores analisam as práticas e representações sociais dos jovens rurais frente à nova atividade. Já o segundo artigo da sessão, de Priscila Tavares dos Santos, traz reflexões a respeito dos impactos provocados pela chegada do turismo em um território periférico ao espaço urbano no município de Teresópolis (RJ), em especial sobre os processos produtivos e reprodutivos que asseguram a constituição intergeracional de agricultores especializados no plantio de hortaliças.

“Representações” é o título da sessão que abriga artigos em que a questão central incide sobre visões de mundo, ressignificações e percepções. Iniciamos com o artigo intitulado “Representações sociais, mito e imaginário no Complexo Turístico do Barreiro em Araxá (MG)” de Euler David De Siqueira, Marcela Afonso Barcelos e Virgílio César Da Silva e Oliveira que voltam suas análises para a compreensão das percepções acerca da dinâmica turística manifestadas no entorno do Complexo do Barreiro, por parte dos

membros da Associação de Artesãos e Doceiros de Araxá. Em continuidade, Mariana Cristina Pereira Ostanello e Rosane Manhães Prado trazem o artigo “A trilha como o lugar da coisa toda: as trilhas da Ilha Grande como lugares turísticos” que toma a Ilha Grande, localizada no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, como campo de pesquisa. Dedicam-se a recuperar, a partir da perspectiva etnográfica, fatos e ações públicas e privadas que contribuíram para que as trilhas da Ilha fossem ressignificadas ao longo do tempo e transformadas em lugares e recursos turísticos. Encerramos a sessão com o trabalho dos autores Jonas Henrique Oliveira e Clódsen dos Silva Santos, intitulado “Antropologia e turismo: breves considerações sobre as praias do litoral do Piauí” que privilegia o litoral piauiense na análise das narrativas de trabalhadores do turismo sobre turistas que visitam o litoral do estado do Piauí.

A sessão “Comunidades tradicionais” é também composta por três artigos. Em “Sapukai - o nhandereko mbya se transforma em turismo de resistência indígena no estado do Rio de Janeiro, Brasil”, os autores Teresa Cristina de Miranda Mendonça, Renato de Oliveira dos Santos, Nadson Nei da Silva de Souza e Sandro dos Reis Andrade apresentam significados do turismo a partir de uma contextualização classificatória sobre as diversas propostas de turismo indígena na América Latina. Detendo-se no caso da Aldeia Sapukai, localizada em Angra dos Reis, litoral sul do estado do Rio de Janeiro, os autores valem-se do localmente denominado como turismo de base comunitária para refletir sobre representações, discursos, práticas locais do turismo em terras e comunidades indígenas. “Itinerários da produção e consumo de artesanato em comunidades tradicionais de Penedo-AL”, artigo de autoria de Fabiana de Oliveira Lima, Ana Paula da Silva Santos e Daniele dos Santos Militão, apresenta discussão sobre o consumo dos bens culturais produzidos em comunidades tradicionais e sua implicação em atividades culturais de turismo e lazer no município. A sessão é encerrada com o trabalho concebido por Felipe Guimarães denominado “Turismo Indigenista na Amazônia Legal: Atividade sustentável entre os detentores de um Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO”, que discorre sobre Arte Kusiwã - pintura corporal e gráfica dos Wajãpi, bem cultural imaterial reconhecido pela UNESCO enquanto patrimônio imaterial, mas pouco visitado por turistas brasileiros e estrangeiros.

O debate sobre identidades é fundamental para a Antropologia e, assim sendo, destinamos uma sessão ao tema. Desta forma, o Dossiê é encerrado com dois artigos. Valdevino José dos Santos Júnior, Carlos José Saldanha Machado e Rodrigo Machado Vilani apresentam interessante reflexão no artigo “Turismo e práticas afrorreligiosas em unidades de conservação: uma relação conflituosa?”, objetivando a desconstrução da noção de incompatibilidade de práticas afrorreligiosas em Unidades de Conservação em decorrência de tais espaços abrigarem a atividade turística. Já em “Uma cozinha brasileira? Contribuições da perspectiva antropológica para o fortalecimento do turismo gastronômico” as autoras Cecília Neves e Maria Amália Silva Alves Oliveira defendem a noção de *cozinhas* brasileiras, ao considerarem que o plural empregado ao termo engloba a diversidade de saberes, modos de fazer e conhecimentos particulares que configuram identidades de distintos grupos culturais e expressam o amplo sistema culinário brasileiro.

Tendo lançado um olhar antropológico sobre o fenômeno turístico, desejamos que os leitores apreciem a “viragem cultural” aqui promovida com o intuito de iluminar o fenômeno em sua amplitude.

As Editoras

Maria Amália Silva Alves de Oliveira
(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Helena Catão Henriques Ferreira
(Universidade Federal Fluminense, Brasil)

6

REFERÊNCIAS

BANDUCCI JR., Álvaro. Turismo e antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: BANDUCCI JR., Álvaro; BARRETTO, Margarita. (Org.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papyrus, 2001.

BARRETO, Margarita. O imprescindível aporte das Ciências Sociais para o planejamento e a compreensão do Turismo. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 9, n. 20. p. 15-29, 2003.

COUSIN, Saskia.; APCHAIN, Thomas. Turismo e Antropologia: um tango da alteridade. In: Ramiro, Patrícia (Org.) **Antropologia e Turismo: coletânea franco-brasileira**. Editora UFPB: João Pessoa, 2019.

CHAMBERS, Erve. **Tourism and Culture: An applied perspective**. Albany: State University of New York. 1997.

CRICK, Malcolm. Representations of International Tourism in the Social Sciences: Sun, Sex, Sights, Savings, and Servility. In: **Annual Review of Anthropology**, v. 18. p. 307-344, 1989.

GRABURN, Nelson. The anthropology of tourism. **Annals of tourism research**, Special Issue, v. 10, n. 1, 1983.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003, p. 183-314.

NASH, Dennison. **Anthropology of tourism**. Nova York, Pergamon, 1996.

PEREIRO, Xerardo; FERNANDES, Filipa. **Antropologia e Turismo: Teorias, métodos e praxis**. Tenerife: PASOS, RTPC, p. 496, 2018. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita20.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

PINTO, Roque; PINTO-COELHO, Zara. Entrevista com Carlos Alberto Steil. “O turismo não pode continuar sendo visto como um elemento externo às culturas”. **Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies**, v. 5, n. 2, p. 493-498, 2018.

SAMPAIO, Sofia, Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de Turismo, **Revista Etnográfica**, v.17, n. 1. p. 167-182, 2013.

SAMPAIO, Sofia; VIDAL, Frédéric; LOURENÇO, Inês. Desafios do “turístico” na atualidade: uma introdução surpreendida por uma pandemia. **Revista Etnográfica**, v. 25, n. 1. p. 119-129, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/9851>. Acesso em: 17 set. 2021.

SMITH, Valene. **Host and guests: The anthropology of tourism**. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 1989.

STEIL, Carlos A. Antropologia do Turismo: Comunidade e Desterritorialização. Trabalho apresentado na **XXIV Reunião de Antropologia**. Olinda, jun. 2004.

TRIBE, John, The indiscipline of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 3. p. 638-657. 1997. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00020-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00020-0). Acesso em: 17 set. 2021.